

**GRUPO HOSPITALAR CONCEIÇÃO
RESIDÊNCIA INTEGRADA EM SAÚDE**

Adriano Donin Neto

**AUTONOMIA DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE: Farejando Dilemas,
Inventando Poemas**

Porto Alegre
2013

Adriano Donin Neto

**AUTONOMIA DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE: Farejando Dilemas,
Inventando Poemas**

Trabalho de Conclusão de
Residência apresentado para
obtenção do título de Especialista
em Saúde Mental.

Orientador: Luiz Fernando Silva Bilibio

Porto Alegre
2013

SUMÁRIO

1. 1,2,3 e JÁ!	04
1.1 Conhecendo o Pátio.....	06
1.2 Pintando o Sete na Linguagem.....	09
1.6 Confúcio e Confuço.....	10
2. DEIXA QUE EU CHUTO!	12
2.1 Mamão na Roda.....	12
2.2 Não Tem Querer.....	13
2.3 A Poça de Lama.....	14
2.4 (Des)Controle Social.....	15
2.5 Vamos Jogar Juntos?.....	16
2.6 Só Tomo Três Remédios.....	17
2.7 Outro Tijolo no Muro.....	18
2.8 Não Dependem de Ninguém.....	19
3. POEMAS	20
3.1 Tu Ainda é Meu Amigo né?.....	21
3.3 Privatização das Mentes.....	22
3.5 Dardo Tranquilizante.....	23
3.6 Há uma Criança.....	24
3.2 Traidores de Sonhos.....	24
3.7 É Tempo de Rebeldia.....	25
4. REFERÊNCIAS	26

1,2,3 e JÁ



(Watterson, 2010)

O girino é o peixinho do sapo
O silêncio é o começo do papo
O bigode é a antena do gato
O cavalo é pasto do carrapato

O escuro é a metade da zebra
As raízes são as veias da seiva
O camelo é um cavalo sem sede
Tartaruga por dentro é parede

(Arnaldo Antunes – Cultura)

Início o trabalho com uma introdução que a mim provoca muitos sentidos, traz muitas reflexões e também é o início, é o *1,2,3 e já!* Sempre que iniciamos uma brincadeira ou um jogo é necessário que todos saibam as regras, ou pelo menos as combinações, caso contrário alguns não conseguirão brincar direito. Para esse fim servirá a minha introdução. Servirá também para entendermos em qual contexto iremos *jogar/brincar*.

O quadrinho e o recorte de uma música são experimentos para anunciar como o trabalho irá transcorrer; um trabalho que busca problematizar questões referentes à autonomia da criança e do adolescente. O texto desse trabalho será permeado de diferentes tipos de produções artísticas. Poemas, músicas, quadrinhos, cenas, etc. Peço ao leitor que esteja aberto e disposto a ler algo nessa característica.

Voltemos nesse momento ao quadrinho e à música. Até a terceira cena do quadrinho, creio que quase todos os adultos imaginam que a ação óbvia de

Calvin será a de colocar o guarda-chuva em cima da cabeça, afinal, para que serve um guarda-chuva? Proteger dessas gotas molhadas. E o que faz Calvin? Dá uma volta do avesso, olha as coisas de cabeça para baixo, usa o guarda-chuva para fazer uma piscina. E não haveria modo de usar o guarda-chuva nessa ocasião que fosse mais divertido?

O músico Arnaldo Antunes¹ fala que sempre foi fascinado “pela coisa do olhar infantil em relação às coisas do mundo, a maneira de fazer associações inusitadas, de ver coisas que muitas vezes são óbvias”. Para o músico, trata-se de coisas “tão óbvias que a gente não repara, como se desse a volta e o óbvio passa a ser estranho”. Calvin ao fazer a ‘escolha estranha’ irá se molhar e correr o risco de resfriar-se. O personagem infantil não escolhe a proteção, ele escolhe o prazer, o gozo, o brincar, a vida.

Esse é o desafio diante do qual está colocado este Trabalho de Conclusão de Residência (TCR). De um lado a proteção, a tutela, o controle e, do outro, a autonomia. O par relacional controle-autonomia como uma condição da existência humana e que se impõe em presença enquanto dilema do cuidado no campo da saúde mental, principalmente quando este cuidado está direcionado às pessoas menores de idade.

Assim, este trabalho está organizado em três partes. Na primeira, é produzida uma contextualização do campo problemático configurado pela loucura, a infância, a produção da saúde e o par relacional autonomia-controle, bem como, a justificação da escolha da forma, da opção lingüística artistada do próprio trabalho. A segunda parte é configurada pelo compartilhamento de acontecimentos registrados em Diário de Campo durante o percurso de aprendizagem do Programa de Residência Integrada em Saúde Mental do Grupo Hospitalar Conceição; acontecimentos de um Centro de Atenção Psicossocial Infantil. Por fim, a parte final do trabalho é composta por poemas. Expressões possíveis e necessárias à aposta de surpreender o próprio dilema do, agora, trio relacional controle-autonomia-cuidado.

¹ Passagem do documentário ‘Palavra Encantada’.

CONHECENDO O PÁTIO

Por que os adultos insistem tanto em falar sobre a infância? Por que pensamos, estudamos, refletimos, aferimos seus comportamentos, suas atitudes, seu desenvolvimento motor, cognitivo, psíquico, físico? Por que, em vários momentos acreditamos que podemos ser porta-vozes de seus pensamentos, de seus sentimentos? Queremos, no resumo dessa ópera, ajudá-las em seu desenvolvimento ou apenas controlar seus comportamentos? Ou na tentativa de ajudá-las, acabamos, quase que por inocência, ou por pouca autocrítica, controlando-as? Nessa perspectiva, estamos sempre dialogando com duas grandes questões da vida, duas grandes dimensões. De um lado da fronteira temos a autonomia, do outro, o controle.

O artigo 3º da Lei Nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002, do Código Civil Brasileiro, estabelece que são absolutamente incapazes de exercer pessoalmente os atos da vida civil:

- I - os menores de dezesseis anos;
- II - os que, por enfermidade ou deficiência mental, não tiverem o necessário discernimento para a prática desses atos;

No artigo 4º, desta mesma Lei, são considerados incapazes, relativamente a certos atos, ou à maneira de os exercer:

- I - os maiores de dezesseis e menores de dezoito anos;
- II - os ébrios habituais, os viciados em tóxicos, e os que, por deficiência mental, tenham o discernimento reduzido;
- III - os excepcionais, sem desenvolvimento mental completo;

Quando pensamos no perfil dos usuários de um Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência (CAPSi) e tentamos dialogar com o código civil supracitado, podemos jogar no texto algumas pequenas frases: são *incapazes de exercer atos da vida civil*, mais, *menores de dezesseis anos*, mais, *deficiência mental*. Então aqui vai uma pergunta: o que sobra para uma criança que possui uma 'deficiência mental'? Esta criança seria duas vezes incapaz? Outras pequenas palavras e perguntas: *incapazes*, relativamente a certos atos, ou à maneira de os exercer, mais, *maiores de dezesseis e*

menores de dezoito anos, mais, viciados em tóxicos, mais, deficiência mental, mais, excepcionais, sem desenvolvimento mental completo. O que então resta para o adolescente com deficiência mental e viciado em tóxicos? Este adolescente é três vezes incapaz? E uma criança, ‘deficiente mental’, viciada em tóxicos e excepcional; seria quatro vezes incapaz?

Não são raros os números de crianças usuárias do serviço de CAPSi que possuem mais de um diagnóstico, além disso, é nesse espaço que estão crianças e adolescentes que fazem o uso abusivo de drogas, por isso, podemos pensar que as crianças usuárias de um CAPSi são quase em sua totalidade, consideradas incapazes pelo código civil.

Será mesmo que as crianças de um CAPSi são incapazes de decidir, escolher, julgar, pensar, agir de forma coerente, de acordo com as suas vontades, desejos, sonhos, esperança, criatividade? Penso que não é apenas no código civil que as crianças são assim consideradas. A sociedade e outros dispositivos do Estado também dão um jeito de colocá-las na posição de seres não-pensantes.

Desde a Educação escolar que ainda, em sua grande hegemonia trabalha com um formato de ensino pautado na educação bancária, o aluno apenas recebe a informação e é educado sem desenvolver seu senso crítico. Uma prática educacional na qual o menor é proibido de qualquer questionamento que contraponha a visão quase ditatorial dos seus ‘mestres’.

Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” de educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. (Freire, 1970, p. 33)

Ao considerar esta formulação do pedagogo Paulo Freire em aproximação ao campo da saúde mental, no geral, talvez os padrões relacionais não mudem, só mudam os ‘mestres’. Médicos, psicólogos, enfermeiros, terapeutas ocupacionais, professores de educação física, assistentes sociais, etc. Todos, de outra forma, noutra contexto, noutra cenário, continuariam vigiando os corpos, punindo de maneira contundente por meio de

manejos químicos, físicos, verbais, as vidas dos sujeitos, que nesse caso, podem ser duas, três, quatro ou infinitas vezes, considerados incapazes. A questão nesse momento é: como podemos reverter esta tendência no campo da saúde mental? Como podemos produzir ganhos de autonomia das crianças por meio das práticas de um CAPSi?

Outro fator que podemos refletir é o aumento da medicalização das crianças com diagnósticos de transtornos mentais. Esse processo surge com o avanço da psicofarmacologia e da neuropsiquiatria. O olhar clínico sobre a infância se modificou com o passar do tempo.

O que determina as questões, procedimentos e observações dos clínicos, é o olhar que eles lançam sobre a infância, a concepção que têm de seu desenvolvimento e de seu papel na formação do adulto. Durante os dois primeiros períodos [séc. XIX até primeiro terço do séc. XX], a criança é essencialmente concebida como um adulto 'em potência', no sentido aristotélico: o adulto não é somente o fim de seu desenvolvimento, mas também seu único conteúdo e seu sentido último. A psicologia da criança só começa realmente a existir como campo autônomo no final do séc. XIX [...]. Antes dessa época, é nas doutrinas pedagógicas que é preciso buscar as concepções clássicas sobre a infância. (Bercherie apud Cirino, p. 139).

Até início do século XX a criança é basicamente pensada a partir das perspectivas da pedagogia (GUARIDO, 2007). Os médicos então implicados com as questões da infância e seu desenvolvimento vão encontrar um aliado, um referencial na pedagogia, para a proposição de formas de tratamento para as crianças. De certa forma, pode-se dizer que o tratamento das crianças tem seu cerne na pedagogia e nas teorias da educação do início do séc. XIX.

O discurso social moderno cria uma criança cuja consistência está no fato de ela ser submetida a uma educação nova, que implica vigilância, disciplina, segregação. Que implica o surgimento da escola. Nossa criança é, por definição, escolar. (Kupfer apud Guarido, p. 155)

Corazza (2000, pg. 151) ao discorrer acerca das considerações de Foucault, onde o mesmo compara a loucura a uma *infância cronológica* e social, psicológica e orgânica do homem, constata “quanta analogia entre a arte de dirigir os alienados e a de educar os jovens”. As figuras do louco e da criança aparecem em um mesmo patamar de controle.

Como o louco, a criança é o outro em relação com os demais; o outro, no sentido da exceção, entre os outros. Aquela que mantém longe os/as que escapam à regra e à norma, constituindo a legião das identidades rechaçadas, desordenadas, caóticas, impensadas da

cultura a serem excluídas, especificadas, distribuídas em outras regiões. Para tais operações, há necessidade de incluir essas identidades na enumeração, classificação, registros, estudos, disciplinas, ciências do indeterminado desse outro: mecanismos que reduzem e dissolvem suas alteridades no “mingau” doce e fluido da domesticação (CORAZZA, 2000, p. 151).

Estranhar este mingau doce e fluido da domesticação parece colocar um desafio reflexivo, crítico, de pensamento relativo à produção de novas práticas de saúde com as crianças e que, acima de tudo, seria também um desafio ético. Desafio de pensar a relação entre autonomia e controle, controle que se dá, nesse caso, às crianças *loucas*. Dizendo de outra maneira, pensar na produção da autonomia em saúde é estar diante de uma questão ética.

A ética é o reconhecimento da alteridade, referida não ao parâmetro da tolerância ou da intolerância, mas ao desafio da convivência que não implica em consenso redutor ao mesmo, ao um, mas a acordos possíveis e temporários. Nessa perspectiva a ética envolve o exercício do pensamento que avalia situações e acontecimentos, que afirma escolhas e caminhos como potencializadores de vida. (GUATTARI, 1992 apud ROCHA, 2006, p. 171)

Mas como mesmo exercer a alteridade? Quais as mais potentes referências para avaliar, escolher e afirmar determinados acontecimentos na produção do cuidado em saúde mental quando esta produção está voltada para crianças e interessada em ganhos de autonomia? Talvez uma aproximação com uma perspectiva mais contaminada pelas artes possa potencializar o necessário exercício de pensamento implicado nestas questões.

PINTANDO O SETE NA LINGUAGEM

De acordo com Faria Junior (2012) os gêneros literários *podem* ser divididos em prosa ou poesia. Mesmo entre esses dois gêneros, há momentos em que ambos se confundem, existindo a chamada prosa poética ou poesia feita de concatenações em prosa. Ou seja, um texto é mais prosa quanto menos seja poesia e vice-versa. Está presente neste trabalho este hibridismo que é classificado por Faria Junior (2012) como *hibridismo entre as modalidades*. Tal hibridismo, tal entrelaçamento na forma de escrever o texto, tamanho ímpeto, formam quase um arabesco de pensamentos capazes de produzir novas idéias; esta é a aposta metodológica deste TCR.

Trata-se de uma aposta naquilo que é sensível, no intuitivo, no *não-racional*, ou seja, numa forma de escrita muito próxima da arte. A tentativa de produzir aquilo que podemos chamar de *conhecimento artístico*. Um tipo de conhecimento que se dá nas artes como a música, dança, pintura, escultura, teatro, literatura, cinema e fotografia; algumas dessas artes estão apresentadas no projeto em diferentes momentos e formas.

Para Danton (2012), embora pareça um assunto datado, é recente a valorização da criatividade e da imaginação como elementos constitutivos do conhecimento. Ainda de acordo com o autor durante muitos anos, a visão positivista do conhecimento colocou a ciência no topo de uma pirâmide. Logo abaixo, vinham os outros conhecimentos como a filosofia, a religião e o empirismo (conhecimento vulgar). Atualmente, filósofos e cientistas começam a concordar que existem outras formas de explicar o mundo, que estão no mesmo patamar de importância que a ciência.

Danton (2012) dialoga com o filósofo Karl Popper, que, ao observar as pesquisas de Albert Einstein, percebeu que toda descoberta do mesmo tinha um *elemento irracional*, uma *intuição criadora*. Cita Thomas Kuhn, que ao demonstrar os aspectos sociais e históricos na construção do conhecimento científico, abriu caminho para que a arte fosse resgatada como forma de conhecimento.

Não é pretensão deste trabalho ser uma manifestação artística desta época, porém, a aposta é usar diferentes formas de manifestação artística como base para reflexões teóricas e produção de pensamento, implicadas com a infância, a saúde mental e a autonomia. Assim, nesta parte do caminho, surge a necessidade da ajuda de *Confúcio* e *Confúço*.

CONFÚCIO E CONFUÇO

Além de ser um menino, valente, que vive correndo, saltando como um cabrito, exímio subidor de árvores e feliz, é um menino das questões; seu nome é Confúcio. Seu falecido pai gostava de filosofar, morreu engasgado de tanta filosofia, dizem que foi overdose de Platão.

Confúcio tem como sua companhia e melhor amigo um cachorro imaginário chamado Confúço. O focinho do Confúço não tem dois furos como o

dos cachorros normais, *Confuço cheira dilemas!* O seu focinho é em formato de ponto de interrogação, onde há um dilema, lá está Confuço averiguando, e quando ele encontra um, olha com olhar arregalado para Confúcio, abana o rabo, arrebita um pouco o traseiro e dá um latido. Confúcio entende o recado, nasce uma questão, e junto também nasce um balão de pensamento em cima da cabeça do menino.

E lá vai menino xingando padre e pedra

E lá vai menino lambendo podre delícia

E lá vai menino senhor de todo fruto

Sem nenhum pecado, sem pavor

O medo em minha vida nasceu muito depois

(Saudade dos Aviões da Panair – Milton Nascimento)

Confúcio é um menino que xinga padre porque está cansado de dogmas e regras; sejam religiosos, científicos, escolares, etc. Xinga a pedra por necessidade, afinal a vida é dura e os problemas estão aí, escancarados, as pedras estão no caminho! Ele as xinga, as pega na mão e ainda joga no vidro da janela do vizinho. Ele lambe podre delícia, afinal, isso é a mais pura loucura. Sem pecado, sem pavor, sem medo.

Os dois personagens nascem no meio de uma madrugada de insônia. O que se pode perceber dos dois é que muito embora o cão cheire os dilemas, os perceba, os acene com o rabo quase intuitivo da sua apurada percepção, é seu amigo Confúcio que as pensará, que as formulará na forma de linguagem, na forma de perguntas, afinal, Confúcio muito confia em seu cão. Confuço latiu, dilema tem; Confúcio precisa pensar!

Os dois personagens procuram perguntas ao mesmo tempo em que sentem dilemas, são ativos e deixam-se guiar pelo sensitivo, procurando pistas no *olfato*, no que se indaga. A partir daí vão inventar, fazer e ser poesia. Na verdade, Confúcio e Confuço irão cartografar acontecimentos. Encontros de saúde registrados em Diários de Campo e escritos durante o percurso da Residência em um CAPSi. Em função disso, deixo avisado ao leitor que em muitos momentos ouvirão um latido, sentirão um abano de rabo no meio de uma reflexão ou até a umidade de um focinho em suas canelas. Não se preocupem, é apenas Confuço, ele é um cão dócil...eu acho.

DEIXA QUE EU CHUTO!

Muitos foram os momentos em que escutei essa frase: “sôr, deixa que eu chuto”, agora sou eu que peço para chutar, vou *chutar essa bola*, não sei se farei um belo gol mas coloco no jogo todas as passagens e fatos que escrevi nos diários de campo durante o meu tempo como Residente no CAPSi, sempre acompanhadas por Confúcio e Confuço é claro.

MAMÃO NA RODA

Num determinado dia de sol, estava eu com três meninos, jogando uma espécie de frescobol, com regras de tênis, demarcações de quadra e rede imaginárias, regras recém estabelecidas e que iam mudando com o decorrer da oficina. Em determinado momento, um dos três meninos da oficina olha para um pé de mamão que estava no pátio. Exatamente naquele momento ele fica encantado, no topo da árvore, vários mamões já maduros, suculentos, à mostra; tentadores! Eis que o menino faz o quase óbvio e dá um grito: – olha lá, mamão! *Ouve-se um latido*. Naquele mesmo momento o menino pega a sua raquete de frescobol e a lança em direção aos mamões. Para quem nunca viu um pé de mamão seu tronco é parecido com o de um pé de coco, estreito e comprido. O pé em questão deveria ter uns três metros de altura. Logo que o primeiro menino lança sua raquete, sem pestanejar, o segundo faz o mesmo. Na hora, sinto a necessidade de intervir. Daquele jeito não dava mesmo, e se uma das raquetes cai na cabeça de alguém? E se uma das raquetes bate num mamão e o mamão cai na cabeça de um deles? Tive que retirar as raquetes das mãos dos meninos. *Outro latido – Quietos Confuço!* Tentamos conversar, eu com cara de sério, cara de quem não estava mais afim de brincadeira. Passado o pequeno sermão (que de quase nada adiantou), a questão em segundos foi retomada: - “e não dá para subir na árvore”? *Latidos seguidos de grunhidos*. Naquele momento Confúcio se pergunta: *poxa vida, olha aqueles mamões, maduros, e olha só a árvore, uma atração e tanto para tentar subir, com perfeito encaixe para os pés e mãos*. Quando me virei de costas para guardar os materiais, um dos meninos já estava quase no topo.

Os dilemas foram farejados, em cima da cabeça de Confúcio surgiu um balão de pensamento:

E porque não subir na árvore? Autonomia e liberdade ou controle e regras? Como estabelecer regras sem ser controlador e tutelar? Como responsabilizá-los por suas atitudes? Seria possível subir na árvore com segurança? E se eles subissem na árvore e ocorresse algo, como a equipe de saúde iria reagir? Como, num serviço de Saúde, eu posso correr o risco de produzir alguma doença (no caso de um dos meninos se machucar)? Educação Física, Cultura Corporal do Movimento Humano, elementos da cultura popular; ação de subir em uma árvore não está extremamente relacionada com estas idéias?

NÃO TEM QUERER

Parecia só mais um dia de trabalho, e era, porém, um dia marcante para mim. Estava eu absorto em alguma tarefa no CAPSi quando fui chamado:

– Adriano, vamos precisar da tua ajuda, creio que teremos que conter um menino!

Pois bem, fui até a sala e lá estava o menino e mais três trabalhadores do CAPSi a sua volta. O menino estava com uma corda amarrada em um brinquedo pequeno com areia dentro; parecido com aquelas cobras colocadas embaixo da porta para não entrar vento. E o que ele fazia? Bem, sacudia essa corda de um lado para outro, batendo em alguns objetos, colocando em volta do pescoço de um urso de pelúcia e balançando, depois se distraía, manuseava alguns brinquedos na sala, parecia um pouco agitado. Naquele momento os trabalhadores que lá estavam concluíram que era necessário fazer uma contenção. Antes disso ocorrer, foram feitos alguns pedidos: – Se você não se acalmar nós vamos ter que dar um jeito de acalmar você, vamos ter que te segurar. A contenção se iniciou e aqueles momentos pareciam horas na minha cabeça, tudo estava em câmera lenta. *Uma mordida no calcanhar.* A contenção já estava acontecendo, e aconteceria com ou sem minha ajuda, o que fazer? Pois bem, ajudei a conter o menino, segurei em seu braço direito, ‘sentamos ele’ no sofá e lá ficamos por muito tempo. *Latidos ensurdecedores!*

Meu sofrimento naquele momento parecia ser maior do que o do menino, mas creio que o que parecia, na realidade não o era, o menino, certamente estava sofrendo mais do que eu. *Chorava o cão.*

A situação durou cerca de uma hora, nesse intervalo de tempo, algumas frases surgiram. Foi o CAPSi que as disse, quem sabe foram os móveis, as paredes, ou as vontades?

- Não tem querer, uma criança da tua idade não pode escolher.
- Tu não está colaborando.
- *Eu não vou mais voltar aqui no CAPS!*
- Não tem escolher, você vai voltar porque você precisa de nós.
- Isso só está acontecendo porque você causou, poderia ter sido mais fácil e você já estaria indo para casa.
- Assim nós vamos ter que te levar para a emergência e te internar.

O cão já dormia exausto... também exausto e de cabeça baixa Confúcio elaborou algumas questões em seu balão de pensamento:

Uma criança não tem direito de escolher e ter desejos? A criança pode ser considerada única culpada por estar em sofrimento e surtar? Uma pessoa merece ouvir ameaças punitivas de possível internação como castigo? Há como conter (física ou quimicamente) uma criança sem causar mais sofrimento? Contenção e internação podem ajudar a produzir ganhos de autonomia?

A POÇA DE LAMA

Poça de lama! Poça de lama! Isso o menino repetiu inúmeras vezes nos trinta minutos de atividade, ele pedia o tempo todo para pular em uma poça de lama, não entendi o pedido no começo da oficina, mas prometi que ao final todos pularíamos na lama. *Sinto um focinho úmido na canela.*

Enquanto não pulávamos na lama, resolvemos desenhar, na folha branca, que tudo aceita. Cada um fez o seu desenho, o menino desenhou uma moto (que ele tinha trazido consigo para brincar), um chão verde e do lado uma pequena poça de lama. Terminou rápido seu desenho e saiu da mesa pular em uma poça de lama que ele imaginava existir no meio da sala. Como a oficina

do dia era a de contos, pedimos para que ele contasse uma história a partir daquele desenho:

“Era uma moto, que saiu andando por aí até que passou por cima de uma poça de lama, depois que passou pela poça de lama a moto estragou. As peças estavam estragadas, então ela foi para o conserto e lá eles arrumaram ela”. *Um latido*.

E eu perguntei: - Então esse é o final da história? Ela termina assim? E a poça de lama?

“Não, ela não termina assim, daí a gente pega um balde de água com sabão e limpa toda a poça de lama e FIM.” *Traseira empinada (pose de Pluto)*.

Tínhamos combinado que nos sujaríamos todos na poça de lama ao fim da oficina, juntos. Foi o que aconteceu, pulamos na poça de lama, nos jogamos nela, sujamos um a cara do outro, jogamos barro, rolamos na poça, rimos, nos divertimos...e depois? Disse que estava tudo bem, que agora todo mundo tomava um banho de chuva e ficava limpo. Recebi mais um abraço apertado e quase chorei. Se chorasse meu rosto ficaria apenas com um risco branco da lágrima, afinal, ele estava coberto de lama.

O que fazer com tais dilemas Confúcio? Dessa vez uma pergunta dentre tantas outras surgiu gritante no balão de pensamento:

Em um CAPSi surgem diversos casos de abuso sexual infantil. Como podemos ajudar uma criança a ser autônoma se desde muito cedo ela foi tratada como objeto, como coisa?

(DES)CONTROLE SOCIAL

Certo dia tentamos organizar a primeira Assembléia dos Usuários do CAPSi naquele ano. Estavam presentes pais, crianças, adolescentes e alguns funcionários, dentre eles eu. No dia anterior ocorrera a paralisação Nacional dos trabalhadores, próxima às mobilizações nacionais nas ruas, enfim, era um momento propício para mobilizações políticas. Diversos fatos sucederam nessa Assembléia, porém, o que mais me marcou foi a dificuldade de um espaço de controle social, onde estão juntos pais e crianças e adolescentes.

A Assembléia foi interessante, havia umas 10 crianças presentes, as quais foram liberadas de suas oficinas para participarem do espaço. Porém, as pessoas que mais se colocaram e discutiram na maior parte do tempo foram os pais. Algumas falas dos pais também tiveram por característica, de certa forma, expor as crianças que estavam ali presentes, como por exemplo: – “a gente sabe que nossos filhos são diferentes, que são crianças que tem problemas”. *grunhidos tristes*. Além disso, a possível não compreensão de algumas das crianças sobre o que tratava aquele espaço, tornou a sua participação pequena. Na maioria das pautas e conversas as crianças e adolescentes pouco se colocaram, muitos até saíram da sala. Muito embora a participação das crianças tenha sido pequena, elas pautaram duas coisas, fizeram dois pequenos pedidos para a equipe; um era algo simples. Mas surgiu a fala de alguém da equipe quando tal pedido foi colocado em reunião: – “agora, nem tudo o que os adolescentes pedirem em assembleia a gente vai fazer”. *Um rosnado*.

Dilemas, dilemas grandões e balões:

De que forma as crianças e adolescentes podem conseguir participar dos espaços de participação e Controle Social, de tal maneira que sintam-se a vontade e não sejam expostos? Como esses espaços podem fazer sentido para eles? Controle Social não está bastante ligado ao conceito de autonomia? O que foi discutido e decidido em assembleia, mesmo que esta seja formada por crianças e adolescentes não deve ser considerado mais do que um mero “pedido”? Crianças e adolescentes não tem o direito de exercer Controle Social?

VAMOS JOGAR JUNTOS?

Em uma das oficinas do CAPSi esse fato se repetiu, pelo menos, três vezes. A oficina em questão é uma das atividades onde mais saímos dos muros do CAPSi, ela é feita quase sempre na mesma praça, que fica a umas cinco quadras do serviço. Como em toda a praça, pessoas da comunidade a ocupam, ou seja, muitas vezes haviam meninos e meninas jogando futebol na quadra que havia no local. Em alguns momentos eles já estavam lá jogando, em outros, chegaram um pouco depois. Quando isso ocorria o movimento que

as crianças faziam era natural: ou as da oficina pediam para jogar com as crianças que lá já estavam ou vice-versa. O mais interessante que percebemos nas crianças é que elas sempre estão muito interessadas em jogar juntas, mesmo que não se conheçam. Em todos os momentos que isso ocorreu: nós jogávamos!

A atitude da maioria dos meninos que compõe a oficina, durante o jogo de futebol é de reclamar o tempo todo de falta; de enfrentar e xingar os adversários e colegas de equipe. Pedir, o tempo todo, a marcação de lateral, escanteio, falta etc. Não tolerar o erro de um colega de equipe e ficar o tempo todo reclamando sobre todos esses assuntos comigo, no caso, o *técnico/profissional* da oficina. Porém, essas atitudes só ocorrem, e de uma forma bastante interessante, quando os meninos estão jogando entre si. No momento em que crianças que são da praça ou comunidade se unem ao jogo eles mudam o comportamento, passam a reclamar menos, xingar menos (tanto colegas quanto adversários), pedir menos falta, e até mesmo param de pedir que eu tome posicionamentos quanto a marcações de infrações, ou seja, lidam melhor com as situações do jogo e até mesmo com o fato de perder ou ganhar. *Cão abana insistentemente o rabo.*

Pode perguntar Confúcio!

Para ajudar na produção de autonomia não é extremamente importante que as crianças estejam interagindo e ocupando espaços para fora dos muros do CAPSi? Não seria saudável que em alguns momentos sejam criadas situações ou cenários em que o técnico/profissional responsável deixe um pouco de sê-lo (afinal, ele não pode ser técnico de todas as crianças da praça) e as crianças tenham que resolver seus próprios conflitos com os demais?

SÓ TOMO TRÊS REMÉDIOS!

Esse caso é rápido, mas importante. Num dia desses estive na oficina *Rola a Bola* um menino. O que mais me chamou a atenção foi que ele mal conseguia chutar a bola e parecia não compreender o que se passava no jogo, movimentos lentificados, fala difícil de entender. Os outros meninos perceberam a situação do colega e um logo me disse: – “é os remédio, já fiquei assim desse jeito, hoje eu só tomo três remédios. O problema é que quando eu

digo que *tô* melhor ninguém acredita, eu falo e ninguém me leva a sério”.
Confuço late e mostra os dentes.

Confúcio e suas questões:

Três medicações é pouco? Crianças supermedicadas que mal conseguem falar e se mover, brincar e pensar; há como serem autônomas? Crianças aprendem sobre tantas coisas (muitas delas inúteis) não se pode ensiná-las sobre para que servem e como usar os medicamentos? Crianças tomando medicamento com tantos riscos é necessário? Conseguirei parar de fazer questões?

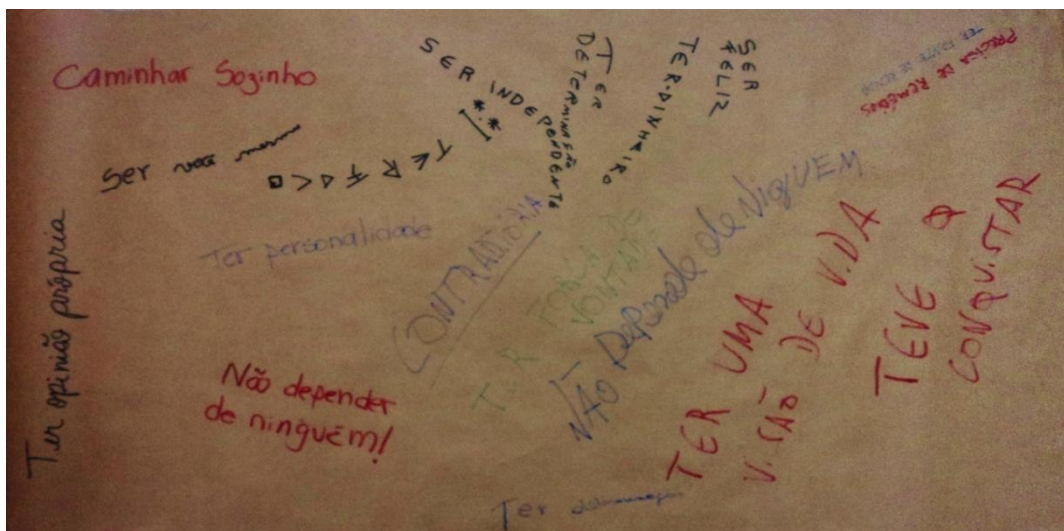
OUTRO TIJOLO NO MURO (ANOTHER BRICK IN THE WALL)

Certa vez uma monitora de um abrigo infantil foi até o CAPSi falar do caso de um menino. Ele tinha 15 anos e um histórico de adulto. Abandonado pelos pais, abrigado, contexto social difícil, viveu um tempo na rua. Não possuía *diagnósticos* graves, mas sofria de um abandono total de todos, família, escola, sociedade; tudo, ninguém mais o queria, a não ser a rua e as internações em saúde mental. Internações essas que foram no mínimo cinco, sendo que em umas dessas internações o menino passou mais de um ano na instituição; uma particular. O menino recebe um auxílio mensal do Estado. *Latidos, grunhidos, dentes à vista, baba saindo pela boca.*

Balões de pensamento/xingamento em cima da cabeça aflita de Confúcio:

Como uma criança passa mais de um ano internada? Se uma internação em saúde mental já é um evento difícil e muitas vezes traumático para um adulto, de que maneira uma criança sofre cinco internações em saúde mental? Esses espaços podem ajudar na produção de autonomia das crianças que lá estão? As internações em saúde mental não têm sido muitas vezes usadas como forma de castigo para crianças “mal comportadas”? As instituições privadas estão “dando conta” da infância quando o assunto é internação, ou seja, o que as políticas públicas não conseguem fazer a indústria privada está de “braços abertos”?

NÃO DEPENDER DE NINGUÉM



Eis que surge agora o último diário de campo, feito a partir de um momento extremamente cheio de intensidades e pensamentos. O cartaz acima foi construído no Grupo de Adolescentes do CAPSi. Naquele dia estavam presentes quatro adolescentes. Após explicar do que se tratava o meu Trabalho de Conclusão da Residência, perguntei a eles o que pensavam sobre essa *coisa* chamada autonomia e a partir daí escrevessem no cartaz; surgiram algumas frases e palavras:

Ter opinião própria; não depender de ninguém; ter uma visão de vida; algo a conquistar; ter personalidade; ter força de vontade; ser você mesmo; caminhar sozinho; ter foco; ser independente; ter determinação; ser feliz; ter fonte de renda; precisar de remédios; não precisar de remédios; contradição. *Latidos e pulos do cão.*

Todas essas palavras foram sendo colocadas no cartaz enquanto discutíamos e refletíamos, coisas fortes surgiram, em certo momento um menino exclamou: – “tá fundindo a cabeça”! *Escuta-se a batida do rabo do cão no sofá.* A minha cabeça já estava fundida a minha muito tempo. Todos os dilemas ali surgiram claramente emblemáticos, dilemas éticos, filosóficos. Não é por acaso que uma palavra central do cartaz é *contradição*. Nada foi respondido nesse dia, foram feitos apenas questionamentos, porém, Confúcio e Confúcio tiveram que atuar juntos, em ato, e Confúcio fez perguntas diretamente a eles: *Existe a possibilidade de não depender de nada e nem de ninguém? Enquanto vocês dependerem do CAPSi e das medicações vocês*

não serão autônomos? Durante todo o momento que vocês forem dependentes dos pais, vocês também não serão autônomos?

Quanto a depender de ninguém eles concluíram que é quase impossível. Para eles, enquanto dependerem do CAPSi, das medicações e dos pais, eles não serão autônomos.

Podemos fazer milhares de questões acerca das palavras trazidas por eles naquele dia; Confúcio não conseguiu se desviar de algumas:

É possível alguém se enxergar como pessoa autônoma ao mesmo tempo em que necessita de um serviço de saúde mental? Um serviço que se propõe a produzir ganhos de autonomia não é também uma marca forte de dependência?

POEMAS

A partir deste momento este trabalho seguirá apenas com poesia, que permeia minha vida e meu trabalho com a infância.

No filme 'O Carteiro e o Poeta', ocorre a amizade entre poeta Pablo Neruda e o carteiro Mário Ruopollo. A certa altura do filme, Neruda diz a Mário que explicar poesia significa a morte do poema. Os poemas que seguem foram alimentados, exigidos e desejados pelas questões que Confúcio e Confuço elaboraram, porém, não servem para responder as questões de forma direta. Não matarei meus poemas explicando-os, tampouco matarei o direito de que cada um deles ganhe vida para o leitor. Estes poemas não são mais meus (não sei se um dia o foram).

TU AINDA É MEU AMIGO NÉ?

Perdi um montão de coisas tio
Moro num abrigo
Meu pai tá preso
Minha mãe usa drogas
Meu irmão, no outro abrigo
Eu gosto de futebol
Tenho uns problemas, da cabeça eu acho
Não aprendo
Escola é chato
Não tenho computador
Nem na minha escola
Tomo 5 remédios diferentes
Não gosto deles
Os adultos me pedem pra eu ficar quieto
Escutar, ficar sentado
Eu não consigo
Tenho medo, quase todo dia
Choro, quase toda semana
Sei escrever meu nome
É só
Tenho 8, vou fazer 9
Quero brigar
Quero xingar
Quero bater
Quero quebrar
Vejo umas coisas, uns vultos
Posso ir no banheiro?
Quero fazer tudo ao mesmo tempo
Não sei fazer nada direito [é o que dizem
Os outros guris
É pior
Não consigo dormir
Tenho medo de dormir sozinho
Não gosto de tomar banho
Quero ser o melhor

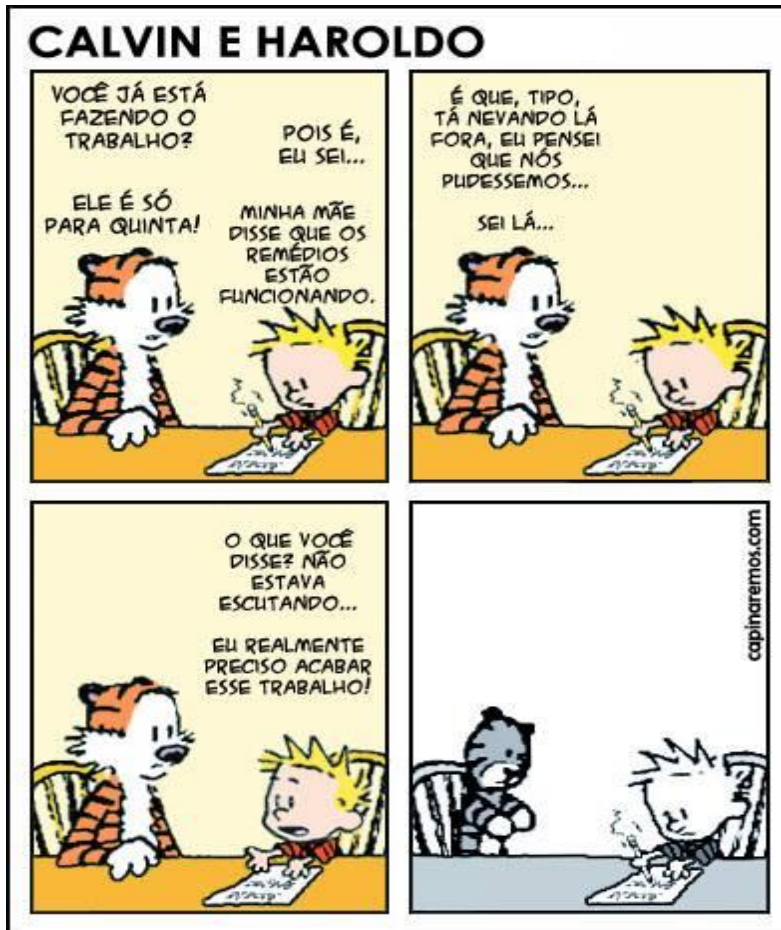
Quero cuspir na cara
Depois me arrependo
Peço desculpas
Desculpa tio
Mas eu me comportei né tio?
Vou fugir
Podemos jogar bola ?
De funk, quadradinho de 8
Não sô maloquêro
Ele que é, viado
É coisa de mulherzinha
Deixa eu chutar
Deixa que eu vou no gol
Ô seu fominha, toca a bola
Professor, eu que chuto.
Tá me tirando?
Cala a boca
Desculpa tio, tu ainda é meu amigo?
A gente pode subir ali?
Olha o que ele tá fazendo tio!
A gente veio aqui pra ser amigo.
Tu é meu amigo né? A gente é amigo né?
O time sou eu e o professor
Ele que é, foi ele que fez, eu me comportei
Toca a bola meu! Professor, ele não toca a
bola
Não quero mais jogar
Tem lanche?
Jogador de futebol
A irmã dele, quando eu crescer, né Marcos?
Hehe
Mas vai ter semana que vem né?
Não consigo
Então eu não venho mais, não preciso
Chuto mesmo
Tchau professor, tu é meu amigo né?

PRIVATIZAÇÃO DAS MENTES

Homens percorrem os mananciais de sua
mente
Entrevistam seu ego com microfones
amplificados
Reassumem posições nas cadeiras estofadas
da vida
Os homens sábios reavaliam suas posturas
Os estúpidos avaliam as mentes
Prescrevem de forma métrica e intocável
Seus saberes científicos
Desumanizados - desumanizadores
Eis que protocolaram a vida
Diagnosticaram a desrazão
Privatizaram a mente
Sucumbiram a loucura
Cortaram, assim como nos canaviais
Que depois de queimados
Se arremetem aos facões afiados
Feito os filhos finados de famílias famigeradas
Prenderam o diferente
E lhe meteram goela abaixo
Toda medicina
E suas filhas, criadas para submissão
Travestidas de jalecos brancos
Que pipoqueiros também usam
Porém com menos arrogância
Chamam o diferente produtivo

De diferenciado
E trancafiam enjaulado
Como besta infantilizada e agressiva
Como massa passiva e silente
Como objeto inanimado que não sente
Todo sofrimento eloquente
Toda dor que se apresente
Não há o direito de surtar
Nem o de lhe apontar o dedo
Nem o de protestar
Há o direito de calar
De ser engolido
Por essa propagando podre
Essas mãos higienizadas
Essa indústria destrutiva
Nós, que vivemos comendo o estrume
A bosta podre que Prometeu comia
Do corvo que lhe dilacerava o fígado
Não podemos esperar acorrentados
Que Hércules venha nos salvar
Rasgue a camisa de força
Tire esse discurso vomitado da boca
Seja humano
Viva e morra
Todo santo dia
Só não mate
A vida dos outros

DARDO TRANQUILIZANTE



(adaptado de Waterson, 2010)

Remédios, remédios, remédios
Remédios devo tomar
Remédios são o preço pago
Pelo meu rendimento escolar
Remédios, remédios, remédios
Que os deixam tão milionários
Matando minha infância querida
E meus amigos imaginários
Os anos não trazem mais
Mas levam dinheiro ao banco
E agora todos os meus desenhos
São pintados em preto e branco
Remédios eu tomo demais
Desde a mais tenra idade
Creio que nasci com distúrbio
Chamado felicidade
Eu vou tomar os remédios
Eles devem me ajudar
Assim eu me comporto
Sou um menino exemplar
Remédio quando acordo
Desde sempre é assim

Ando melhor no colégio
É um privilégio sem fim
Eu tremo um pouco às vezes
E não consigo falar
Mas tá todo mundo feliz
Melhorou o rendimento escolar
Antes eu era uma peste
Era o maior escândalo
Agora eu tomo remédio
Pra não me tornar um vândalo
Eu tinha um tigre em mim
E um gorila gigante
Mas os remédios os mataram
Com dardo tranquilizante
Creio que esse remédio
A mãe diz "sensacional"
Ajuda que eu não fumo maconha
E não viro um marginal
Eu não sou mais um problema
Todo mundo me acha legal
Mas acho que só se esqueceram
Que o problema também é social

HÁ UMA CRIANÇA

Antes era astronauta
Que procurava novos planetas
Eu criança
Falava sozinho
Com meus brinquedos
Meus amigos imaginários
Minhas namoradas imaginárias
Meus inimigos imaginários
Meus joelhos não doíam
Minha alma não doía
Eu fugia da polícia
Sem nada de mal ter feito (isso veio a se
repetir mais tarde)
E fugia do banho
Mesmo com os pés encardidos
A criança que eu fui
A criança que eu era
Ainda existe
Ainda está ali
Pedindo pra jogar junto
Com todas as outras crianças

Se ela aqui estivesse, gordinha
Me perguntaria, embora um pouco tímida
- Onde estão seus carrinhos?
Onde está seu forte apache?
E aquele avião?
E o homenzinho do Rambo?
Posso posar aqui contigo?
Tem videogame?
O que eu sou quando cresci?

Muito provavelmente eu teria a decepcionado
Mas diria que sou professor de Educação
Física
Bem, ela diria – Não é astronauta, mas é legal.
Podemos jogar bola aqui?

- Não, eu não tenho bola
- Que sem graça
- Também acho
- Tem algum desenho pra assistir?
- Não, mas posso lhe contar uma história
- Pode ser
- Deixe-me pensar...
- E o violão?
- Toco sim
- Mamonas assassinas?
- Não me lembro
- hmmm
- Vamos brincar amanhã
- Não posso
- Por que?
- Tenho que trabalhar
- Posso ir junto?
- Não
- hm
- Tem comida? Doce?
- Não, vamos dormir?
- Me conta uma história, hoje vou passar a
noite acordado, minha mãe não está aqui,
uhuuul!
- Bem, deixe-me pensar. Era uma vez... Bom,
já dormiu, espero que acorde mais vezes.

TRAIDORES DE SONHOS

Muito embora morram crianças
Todos os dias
Eu levanto da cama
Não sei com que pés
Joelhos podem suportar tanta dor?
[adolescentes em fase de crescimento sentem
tais dores
Além de todas as que morrem

De morte morrida (ou matada)
Existem as que morrem
De um sério problema
Chamado adulez
De uma medicação adulterada [a Ritalina dos
adultos
Cometendo o adultério
De terem traído
Todos os seus sonhos

É TEMPO DE REBELDIA

Rebeldia, rebeldia e vandalismo
Há os que adoram um pragmatismo
Não tem querer! Diz a trombeta a ressonar
Há os que adoram organizar
Esterelizar, detetizar, enfatizar
Nos muros se ouvem murmúrios
Da amada instituição
Contradiz a contradição
Com a infância se foi a inocência?
Espinha(o)s da adolescência
Com a palavra a amada ciência
Vamos acalmar toda a violência?
Não há causa, são rebeldes
É o transtorno de conduta
Precisam ser conduzidos
A nossa eterna labuta
Labuta, labuta, labuta
Para o resto de suas vidas
As incoerências sucumbidas
Por esses filhos da puta!
Quem disse que eles tem voz?
A bola da vez somos nós
Estamos na adultez
Agora chegou nossa vez!
Labuta, labuta, labuta
Esquecemos da nossa luta

Já fizemos toda a permuta
Dos nossos jovens ideais
São loucos, ninguém os escuta
Vamos torná-los normais
Afinal, ruidosa e barulhenta
E desafinada é a sua voz
A coisa pode ser sangrenta
Eles precisam de nós
Sabemos que estão perdidos
Eles não sabem o que querem
Esses gritos são pedidos
Por favor me “recuperem”!
Tá sendo tão dolorido
Que eu não aguento mais
Era tudo mais tão tranquilo
Quando não criticava os meus pais
Rebeldes, rebeldes, rebeldes
São esses “aborrecentes”
O mundo pra mim é tranquilo
Porque eles não mostram os dentes?
Eu digo pra eles, menino(a)s
Tudo isso vai passar!
Mas eu sei que estou mentindo
Será que eles vão reparar?
E parar, de lutar, de cantar, de dançar.....

Te dizem: - Faça o diferente. Mas não um diferente tão diferente.
Um diferente parecido com o nosso. Um diferente dócil.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Arnaldo. **Cultura**. Disponível em: <<http://letras.mus.br/arnaldo-antunes/91459/>>. Acesso em: 18 dez. 2012.

BRASIL, Lei nº 10.406, de 10 De Janeiro, de 2002. Código Civil.

CIRINO, O. PSICANÁLISE E PSIQUIATRIA COM CRIANÇAS: desenvolvimento ou estrutura. **Autêntica**, Belo Horizonte, p. 121-144, 2001.

CORAZZA, Sandra Mara. A loucura é Infância. In: CORAZZA, Sandra Mara. **História da Infância sem Fim**. Ijuí: Unijuí, 2000. p. 151.

DANTON, Gian. **O Conhecimento Artístico**. Disponível em: <<http://conhecimentopratico.uol.com.br/filosofia/ideologia-sabedoria/17/artigo134597-1.asp>>. Acesso em: 27 dez. 2012.

FARIA JUNIOR, Obed de. **Artigo, Conto, Crônica, Ensaio: Uma pequena introdução que se faz necessária**. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/1288536>>. Acesso em: 27 dez. 2012

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 107 p.

GUARIDO, Renata. A medicalização do sofrimento psíquico: considerações sobre o discurso psiquiátrico e seus efeitos na Educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, n. , p.151-161, abr. 2007.

NASCIMENTO, Milton. **Saudade dos Aviões da Panair**. Disponível em: <<http://letras.mus.br/milton-nascimento/455896/>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

O CARTEIRO e o Poeta. Direção de Michael Redford. Itália: Miramax Filmes, 1994. Color.

ROCHA, M. L. **Psicologia e as práticas institucionais: a pesquisa-intervenção em movimento**. *Psico*: v. 37, n. 2, maio/ago, 2006, p. 169-174.

SOLBERG, Helena; DEBELLIAN, Marcio. **Palavra Encantada**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=cMJK0h5WsfQ>>. Acesso em: 03 dez. 2012.

WATTERSON, Bill. **O Mundo é Mágico**. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2010.